

## Nos Trilhos da Rua da Linha: a Motivação Semântica da Toponímia Urbana da Cidade de Santo Antônio de Jesus

Lana Cristina Santana de Almeida \*

**RESUMO:** Este artigo é resultado de um estudo monográfico realizado em 2009, no curso de Especialização em Estudos Linguísticos, pela Universidade Estadual de Feira de Santana- BA (UEFS) e da continuação dos estudos onomásticos no curso de Pós-graduação *stricto sensu*, na Universidade Federal do Estado da Bahia (UFBA-BA). O objetivo da pesquisa consistiu na análise das motivações toponímicas da área urbana da cidade de Santo Antônio de Jesus- BA, com enfoque sobre os principais logradouros dos bairros que correspondem às vias de acesso mais antigas da cidade, a saber, Centro, Nossa Senhora das Graças, São Benedito e Andaiá. Também, nesta pesquisa, verificou-se a coexistência entre as nomeações oficiais de alguns logradouros desses bairros e suas nomeações iniciais, as quais remetem ao processo de urbanização desta cidade. Para o desenvolvimento deste artigo, utilizou-se como base teórico-metodológica os princípios de pesquisa onomástica propostos por Dick (1990, 1996, 2001, 2003, 2007) e a teoria estruturalista de Saussure (1969) e Guiraud (1972), no que diz respeito aos aspectos referenciais do signo toponímico.

**Palavras-chave:** léxico; topônimo; motivações semânticas; análise sociocultural; Santo Antônio de Jesus.

**ABSTRACT:** This article is the result of a monographic study within a Specialization course in Linguistics in 2009 (University of Feira de Santana-BA (UEFS)) and the onomastic studies in the Postgraduation course (Federal University State of Bahia (UFBA-BA)). The research aimed at analyzing the toponymic motivations of names in the urban area of the town of Santo Antonio de Jesus, Bahia, with a focus on the main streets of the neighborhoods that match the access roads to the city's oldest districts, named Centro, Nossa Senhora das Graças, São Benedito e Andaiá. It was also found the coexistence between the official names of some of these neighborhoods and their initial names, which refer to the process of urbanization of the city. The article was based on the theoretical and methodological principles of Onomastic research proposed by Dick (1990, 1996, 2001, 2003, 2007) and Saussure's (1969) and Guiraud's (1972) structuralist theory, regarding the referential aspects of the toponymic sign.

**Keywords:** Vocabulary; Toponyms; Semantic motivation; Socio-cultural analysis; Santo Antonio de Jesus.

### Introdução

A Onomástica é uma ciência inserida na Linguística e possui como objeto de estudo o processo denominativo. No que diz respeito aos nomes próprios, essa ciência subdivide-se em Antroponímia (nomes de pessoas) e Toponímia (nomes de lugares). Entretanto, vale ressaltar que a função da Onomástica transcende o ato de nomear. Segundo Dick (2007, p.144), essa

---

\* Especialista em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

ciência é “muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população.”. Por conseguinte, pode-se afirmar que o nome de um lugar não possui apenas a função de organização do espaço geográfico, pois por trás de cada nomeação há vestígios da história e da identidade de um povo.

Entende-se, pois, que os topônimos têm um grande valor documental, uma vez que ao nome ficam incorporados traços geo-históricos ou culturais de uma sociedade, haja vista que, no ato da nomeação, o denominador volta-se para seu entorno buscando elementos pertencentes à sua cultura, à sua história ou a aspectos geográficos que possam ajudá-lo no processo da denominação.

Dessa forma, ao analisar o nome de um local, não cabe ao estudo toponímico apenas uma análise linguística (etimológica, semântica-lexical, morfológica), mas, também, uma análise do contexto histórico e social do denominador, a fim de buscar particularidades concernentes ao ato da nomeação, pois, de acordo com Dick (1996, p.13), aquele que nomeia “[...] é apenas um elemento da cultura nacional, da qual é projeção e em que se manifesta de modo particularizante. O sistema denominativo que aciona é, assim, um reflexo de tudo aquilo que representa, cumulativamente, hábitos, usos, costumes, moral, ética, religião”.

Como se vê, a metodologia de uma pesquisa toponímica cria interfaces com ciências como a História, Geografia, Antropologia, Sociologia e Psicologia, as quais se associam à Linguística, a fim de desvendar o rico universo das denominações e mesmo que não se ocupe das possíveis transformações dos topônimos, a pesquisa toponímica possui aspectos históricos, uma vez que, observando os ensinamentos de Coseriu (1979, p. 236), “[...] a linguística descritiva não é senão uma parte (a primeira) da linguística histórica [...]” e, ainda segundo este autor, “[...] no plano da investigação, a antinomia sincronia/diacronia só pode ser superada na e pela história” (COSERIU, 1979, p.18).

Assim, objetiva-se nesse artigo relacionar o léxico da toponímia urbana de Santo Antônio de Jesus à cultura e à história desta sociedade. Para tanto, verificou-se as motivações semânticas<sup>1</sup> das nomeações dadas às ruas dos bairros mais antigos desta cidade, àqueles que

---

<sup>1</sup> Após a análise etimológica e semântica dos topônimos, foi possível perceber se estes possuíam uma motivação física ou antropológica. Para tanto, segue-se, como modelo metodológico de classificação, o quadro taxonômico proposto por Dick (1990), o qual é formado por prefixos gregos e latinos – selecionados de acordo a etimologia do sintagma toponímico, agregando-lhes o termo topônimo. O quadro é composto por vinte e nove taxes, porém estas não são finitas, sua formação pode servir de base para a formulação de outras taxes.

remontam o processo de urbanização, iniciado em meados do século XVIII. Além disso, discute-se a coexistência de topônimos oficiais, instituídos pelo poder jurídico-administrativo, e suas variações, as quais são denominações feitas no início da urbanização da cidade. Tal coexistência reitera a afirmação anterior de que os topônimos são

Verdadeiros ‘testemunhos históricos’ de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato de nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. (DICK, 1990, p.22).

Partindo desse pressuposto, antes mesmo de analisar o objeto de pesquisa deste artigo, cabe, primeiramente, verificar a importância que o léxico possui no sistema linguístico de qualquer língua natural. Tal verificação, associada à análise dos aspectos referenciais dos signos linguístico e toponímico, possibilitará o melhor entendimento sobre a atuação dos topônimos como elementos linguísticos capazes de transmitir a história e a cultura de um povo.

### **1 Léxico: Repertório do Conhecimento Cultural**

De acordo com Sapir (1969), a língua sofre influências do ambiente físico desde que, sobre este, tenha atuado a coletividade, de tal forma que o ambiente ganhe relevância suficiente para interferir no sistema linguístico, em outras palavras, a simples existência de um elemento da natureza, seja de origem animal, vegetal ou mineral; ou mesmo uma forma topográfica da natureza — como, por exemplo, vales, planícies, planaltos — não é suficiente para que lhe seja atribuído um signo. É preciso que a sociedade tenha determinado interesse por ele para que seja inserido em seu repertório linguístico.

É o caso, portanto, de tachar como errônea qualquer tentativa para considerar um elemento de cultura mesmo da natureza mais simples, como unicamente devido à influência do ambiente. As forças sociais, que assim transformam as influências puramente ambientais, podem, por sua vez, ser consideradas como de caráter ambiental, no sentido de que cada indivíduo se acha colocado em meio de um conjunto de fatores sociais a eles reagindo. (SAPIR, 1969, p. 44)

Dessa maneira, o *ambiente* a que Sapir faz referência é aquele composto por fatores físicos e por fatores sociais. Entendam-se como fatores sociais “[...] as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes [...] estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte” (SAPIR, 1969, p.44).

Sapir ainda afirma que a língua pode sofrer influência do ambiente no sistema lexical, fonético e gramatical, mas, entre estes, é “[...] O léxico da língua [...] que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade” (SAPIR, 1969, p.45).

Reiterando o pensamento de Sapir, Biderman expressa que

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. (BIDERMAN, 1978, p.139)

Sendo assim, é possível afirmar que o estudo lexical permite o (re)conhecimento das experiências acumuladas de um povo e possibilita o desvendamento da sua cultura material e espiritual, uma vez que a cultura de uma sociedade está impregnada nos lexemas<sup>2</sup> que constituem uma língua e os usuários desses lexemas serão os agentes de perpetuação e transmissão desse saber cultural. Portanto, é o sistema lexical que primeiramente irá registrar os processos de desenvolvimento social, cultural, econômico e político de uma sociedade, já que a cada conhecimento adquirido é preciso atribuir um *nome* para que este seja registrado e perpetuado pelas gerações.

---

<sup>2</sup> Segundo Dubois (1973, p.364), “[...] o termo *léxico* é, então, reservado à língua [...]. As unidades do léxico são os lexemas, enquanto que as unidades do discurso são os vocábulos e as palavras.” Como se está falando nesse momento, sobre a língua, e não sobre o discurso, usa-se o termo lexema. Quando se fala no âmbito do discurso utiliza-se o termo *lexia*, “[...] na terminologia de B. POTTIER, a *lexia* é a unidade de comportamento léxico. Opõe-se a morfema, menor signo linguístico, e a palavra, unidade mínima construída. É, portanto, a unidade funcional significativa do discurso.” (DUBOIS, 1973, p.364).

É válido ressaltar que um falante nativo não domina todo o léxico da sua língua, esse é um aprendizado constante, pois “[...] no processo de aquisição da linguagem o Léxico é o domínio cuja aprendizagem nunca cessa, durante a vida toda do indivíduo. A incorporação paulatina do Léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da Realidade e de categorização da experiência.” (BIDERMAN, 2001, p. 181).

Nesse processo de aquisição lexical, os falantes nativos de uma língua guardam em seu léxico mental os significados das bases lexicais (formas livres: raiz da palavra), que compõem os lexemas de seu idioma e quando há a necessidade de expandir o vocabulário para criar novos conceitos, o falante é capaz de unir essas bases lexicais a outros elementos mórficos (formas presas: afixos), compondo novas palavras que podem ser compreendidas, uma vez que estão associadas a conceitos previamente apreendidos pelo contato social e o uso da língua.

Diante dessa perspectiva de transformação e continuidade, Basílio afirma que

O léxico pode ser definido como um sistema dinâmico de produção e armazenagem de formas simbólicas, isto é, formas que evocam significados. Estas formas são usadas na construção de enunciados e podem ser tão elásticas em suas associações semânticas quanto são cambiantes as cores utilizadas numa pintura, as quais podem se transformar, dependendo da estrutura cromática do quadro, do foco e intensidade da luz, da posição do observador. (BASÍLIO, 2004, p. 50)

A autora refere-se ao fato de que o falante consegue lançar mão do seu vocabulário de acordo as suas necessidades discursivas, podendo transformá-lo. Serão, pois, as palavras tão *elásticas*, no sentido de que a palavra criada retoma o seu significado de origem (base lexical) e agrega um novo significado (base lexical agregada aos afixos), possibilitando que seu eixo semântico seja deslocado, mas continue conectado à sua base, a fim de que não haja interferência na comunicação, pois a produtividade e criatividade lexical não devem inviabilizar esse processo. Dessa forma, o falante expõe sua capacidade comunicativa e não sobrecarrega sua memória, uma vez que sem a expansão lexical, ele teria que criar novas palavras a cada necessidade linguística que surgisse.

Portanto, estando os topônimos inseridos no léxico das línguas naturais deve-se entender que todas as características atribuídas a esta parte do sistema linguístico também devem ser estendidas a eles, pois, perpetuando-se, através do uso, pelo tempo e espaço – mesmo que sofra mudanças fonéticas ou ainda morfológicas –, o topônimo pode ser

considerado como um *fóssil linguístico* (CARVALHINHOS; ANTUNES, 2007), pronto a ser analisado, com cautela e a responsabilidade cabíveis ao fazer científico.

## 2 Aspectos Referenciais do Signo Toponímico

Segundo os estudos toponímicos, o nome de um lugar reserva sempre uma *motivação*, a qual pode estar vinculada ao contexto físico do denominador ou ao seu meio sociocultural (DICK, 1990). Para compreender melhor essa característica, inerente aos topônimos, parte-se da teoria do convencionalismo linguístico, cuja sustentação encontra-se na ideia de que todo signo linguístico é *imotivado*, isto é, o nome não se relaciona diretamente ao seu referente, portanto, o laço de significação que os une é *arbitrário*.

Conforme Saussure (1969), os conceitos que emergem de um significante é criado socialmente através de acordos implícitos; o nome não é um correspondente perfeito daquilo que ele designa, pois tanto o significante como o significado são entidades psíquicas que fazem parte de um processo mental.

Porém, a motivação toponímica pode ser explicada por uma brecha deixada pelo próprio Saussure (1969), quando este afirma haver a possibilidade de existir uma *arbitrariedade relativa* para alguns signos. Entre suas explicações encontra-se a motivação semântica, que pode esclarecer o fenômeno da motivação linguística dos signos toponímicos. Trata-se de uma *motivação externa metassêmica* (GUIRAUD, 1972); um processo metonímico em que o nome é a parte que se refere ao todo: *o lugar*. Assim, o denominador utiliza-se de todos os traços – físicos ou culturais – que possam caracterizar um local e sirvam de indicação para o mesmo, e incorpora-os ao *nome*. “Constroem-se, assim, pela palavra lexical, detalhes-referência para indicar um todo, semantizado metonimicamente.” (DICK, 2001, p. 79)

Mesmo apresentando a característica da motivação semântica, um topônimo, como elemento do léxico de uma língua, precisa ser acolhido pela sociedade, pois é o *uso* que legitima o nome de um lugar. Percebe-se, portanto, que os topônimos possuem *caráter discursivo e referencial*, o que garante

A legitimidade do emprego de uma forma de língua, no uso toponímico, e seus conseqüentes: origem ou filiação genética, as causas motivadoras, suas relações com o meio físico ou antrópico. Dessa rede onomástica ou nominal, poder-se-á inferir um modelo denominativo dominante na região em estudo, ou mesmo, vários modelos simultâneos, como os pontos de intersecção de

um nome a outros, as línguas faladas, as tendências linguísticas visíveis nas denominações, manifestando, por vezes, formas antigas de linguagem ou expressões idiomáticas em desuso, mas ainda vivas nos nomes. O topônimo, assim, vai deixando de ser apenas um instrumento de marcação ou de identificação de lugares para se transformar em um fundo de memória, de natureza documental tão valiosa e significativa como os textos escritos. (DICK, 1996, p.337)

É, pois, pelo uso do signo toponímico que ocorre a perpetuação da forma linguística e a sua permanência no âmbito discursivo possibilita a descoberta dos estratos dialetais formadores da língua de determinada sociedade. Para tanto, lança-se mão de análises etimológicas, as quais poderão esclarecer a etnia de determinado vocábulo, ou mesmo, se houve mudanças fonéticas ou, ainda, se ocorreu o processo de hibridismo no sintagma toponímico. Esta verificação é importante, uma vez que “[...] nem sempre é possível, pela ausência do denominador, ou pelo distanciamento cronológico do aparecimento do nome, assegurar-se plenamente da ‘intencionalidade’ que norteou o ato da nomeação [...]” (DICK, 1990, p.49).

A fonte de motivação toponímica pode não existir mais, no período da análise linguística, ou seja, o fato que inspirou o processo de denominação pode não estar claro. Ocorre aí o que se chama de *esvaziamento semântico*, processo que é “[...] inerente à maioria das palavras, dada a própria dicotomia que assegura a evolução da linguagem, *conservadorismo/mudança*, binômio que expressa os fatores estáticos e dinâmicos da linguagem, assegurando a comunicação entre os seres humanos.” (CARVALHINHOS; ANTUNES, 2007). Portanto, as fontes onde se buscam as interpretações dos topônimos (dicionários etimológicos, entrevistas com moradores antigos na região, documentos históricos) precisam ser confiáveis, a fim de que não sejam levantadas interpretações equivocadas.

### 3 O Espaço Urbano: Algumas Considerações

*“Olho o mapa da cidade  
Como quem examinasse  
A anatomia de um corpo...  
(É nem que fosse o meu corpo!)”*

*Mário Quintana*

O que um mapa de uma cidade significa? Seria ele apenas um desenho que expõe um agrupamento de vilas, vielas, ruas, bairros e praças que se entrecruzam em um mesmo espaço geográfico ou haveria um significado mais amplo? O dicionário Aurélio<sup>3</sup> apresenta a definição de *mapa* como um “Desenho representativo de um país, de uma região [...]”; enquanto que a visão poética de Mário Quintana revela que o mapa não expõe apenas o espaço geográfico de uma cidade; ele é um corpo que se confunde com o próprio corpo do *eu lírico*. Dessa forma esse literato, na simplicidade e ao mesmo tempo profundidade das suas palavras, ultrapassa a dimensão espacial de um mapa e de uma cidade e adentra em uma dimensão que dá vida a cada ponto de localização de um espaço urbano: *a dimensão humana*.

Essa dimensão mostra que a cidade é constituída por relações sociais e históricas. Cada rua, cada vila, cada bairro surge na cidade enquanto produção humana; produção de trabalho político, econômico e cultural. Carlos (1994), analisando a relação entre a forma-essência da paisagem urbana, mostra que

A forma é a aparência, é o mundo da manifestação do fenômeno. Permite a constatação da existência do fenômeno, ao mesmo tempo em que é representação das relações sociais reais. Não é, apenas e tão-somente, produto da história, na medida em que a aparência reproduz a história. A paisagem urbana, enquanto forma de manifestação do espaço urbano, reproduz num momento vários momentos da história. Aí emergem os movimentos, a multiplicidade dos tempos que constituem o urbano. A paisagem é humana, tem a dimensão da história e do socialmente reproduzido pela vida do homem. É expressão do trabalho social materializado, mas também é expressão de um modo de vida. (CARLOS, 1994. p. 24)

Dessa maneira, percebe-se que a aparência que o espaço urbano de uma cidade assume deve ser analisada como resultado da história de vida das pessoas que se uniram para ocupar e habitar um espaço geográfico. Essa é a verdadeira essência da cidade; o humano é o que constitui a real aparência do urbano. Vê-se que as palavras da autora reforçam a fala do *eu lírico* em relação ao mapa da cidade, quando este diz *É nem que fosse o meu corpo!*

Assim, tratando este artigo dos topônimos urbanos da cidade de Santo Antônio de Jesus, não se poderia deixar de buscar a origem deste espaço urbano, através de uma reconstrução sucinta da história do povo que lhe deu origem e das forças ideológicas que contribuíram para a formação deste espaço de convivência. Por conseguinte, pode-se falar não somente da aparência desta cidade, mas também da sua essência.

---

<sup>3</sup> Dicionário *online*. Disponível em <<http://74.86.137.64-static.reverse.softlayer.com/>>.



#### **4 Santo Antônio de Jesus: Terra das Palmeiras<sup>4</sup>**

Terra das Palmeiras. Assim é conhecida a cidade de Santo Antônio de Jesus, localizada no Recôncavo Sul da Bahia, a qual possui, segundo dados do IBGE<sup>5</sup> (censo de 2010), uma área de 261,348 Km<sup>2</sup> e 90.985 habitantes. Essa cidade é reconhecida como um dos polos comerciais mais importantes do Recôncavo baiano, atraindo moradores das cidades circunvizinhas e da capital baiana. O comércio, na realidade, foi um dos fatores primordiais para a formação da cidade ao lado da grande influência religiosa das formações jesuíticas existentes por volta dos primeiros anos de exploração do território brasileiro.

Inicialmente, a região chamou a atenção dos exploradores por estar localizada próxima à capital baiana. Sua exploração ocorreu durante o governo de D. Duarte da Costa (1553-1558), através dos rios Paraguaçu, Jaguaripe e Jequiçá. O território que hoje corresponde à cidade de Santo Antônio de Jesus pertencia à Freguesia de Nazaré, a qual estava vinculada à Capitânia de Paraguaçu, doada a D. Álvaro da Costa, filho do governador citado.

Durante essa época, as explorações territoriais eram acompanhadas por missões jesuíticas, pois a cada território conquistado levantavam-se aldeamentos, onde viviam índios de procedência variada, dominados pelos brancos e catequizados pelos jesuítas.

Nesse período, houve uma presença marcante dos sacerdotes católicos, não só como líderes religiosos, mas como proprietários rurais, com grande influência política. Entre esses líderes está um que foi figura decisiva para a história de Santo Antônio de Jesus: Padre Matheus Vieira de Azevedo. Em meados do século XVIII, o padre Matheus adquiriu uma área na zona rural, próxima ao afluente do rio Jaguaripe, o rio Sururu. Neste local, por volta de 1765, foi erguido um oratório e, mais tarde, durante o período de 1777 a julho de 1779, o padre ergueu uma capela chamada Santo Antônio de Jesus, fato que atraiu a atenção de muitos fiéis, pois além de bastante acolhedor, o padre possuía o dom da oratória.

Devido às dificuldades de deslocamento dos fiéis, o arraial começou a ser construído em volta da capela; as casas começaram a ser erguidas e logo após foram surgindo vendas, quitandas e pensões. Somente em meados do século XIX, aparecem as praças e as

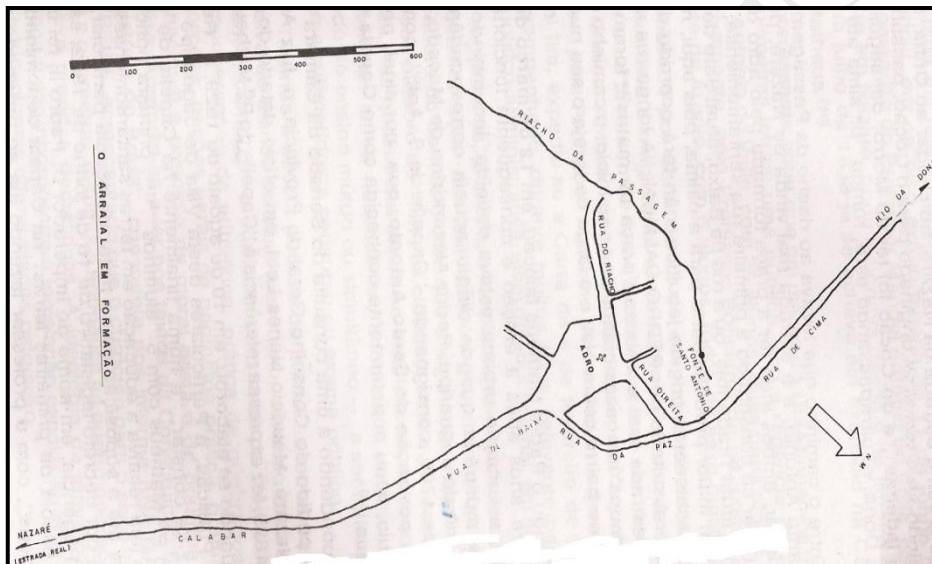
---

<sup>4</sup> A história e da cidade de Santo Antônio de Jesus foi pesquisada em Queiroz (1995) e Valadão (2005). Cf. Referências.

<sup>5</sup> Informações disponíveis no site do IBGE. Cf. Referências.

ruas, todas convergindo para o mesmo ponto: a Praça da Igreja, local estratégico para o comércio.

Segundo Dick, a rua é “[...] Um verdadeiro microcosmo dentro do organismo maior do aglomerado urbano, a rua tudo testemunha, numa atitude cúmplice de aceitação.” (DICK, 2003, p. 12). Certamente existiu essa cumplicidade entre as ruas santantonienses e o desenvolvimento da cidade. Os espaços iam surgindo de acordo com as necessidades da população, sem a interferência do poder administrativo e o mesmo curso era dado às suas nomeações. Inicialmente, os topônimos surgiam tendo como referente à sua posição em relação à praça, como por exemplo, a *Rua Direita*, a *Rua de Baixo* e a *Rua de Cima*. O mapa a seguir apresenta a formação inicial do arraial, mostrando como centro o adro em frente à igreja.



Mapa Inicial Do Núcleo Urbano De Santo Antônio De Jesus (Fonte: Queiroz, 1995, P. 311)

Com a morte do Padre Matheus, a capela sofreu certo abandono por falta de sacerdotes e o arraial passou por um período de desmotivação comercial, fato que estimulou os moradores da região a buscar em outro lugar o apoio que encontravam anteriormente na Capela de Santo Antônio de Jesus. “[...] precisamente no lugar denominado Casco Grosso, situado entre o Rio Sururu [...] e o riacho Mutum [...] por onde passava a estrada real de Nazaré, em direção ao Calabar e arraial de Santo Antônio de Jesus, ali edificaram uma casa de oração, em homenagem ao glorioso São Benedito.” (VALADÃO, 2005, p.42)

Assim, surgiam na cidade os dois bairros mais antigos: Centro, iniciado pela Capela Santo Antônio, e São Benedito, iniciado pela Capela de São Benedito. Com o

desenvolvimento da cidade, formam-se vias de acesso à praça, que irão interligar essas duas localidades.

Vendo o aumento da população nessas duas áreas, Álvaro Tibério de Morcovo Lima, vice-presidente da Província da Bahia, decreta através da Lei nº 448, de 19 de junho de 1852, o desmembramento da Capela Santo Antônio de Jesus da Freguesia de N. S. de Nazaré, ou seja, o local é elevado também à freguesia. Em seguida, pela Lei Provincial nº 3952, de 29 de maio de 1880 há também a emancipação do arraial, desvinculando-o do município de Nazaré.

Desmembraram-se as cidades, mas o vínculo comercial é mantido e em 7 de setembro de 1880, tendo sido inaugurada a estação da Estrada de Ferro Nazaré, a qual unia as duas cidades, houve um impulso ainda maior para o comércio, sendo que pela localização estratégica no Recôncavo, Santo Antônio de Jesus ganha maior visibilidade como centro comercial.

Desenvolvendo-se a cidade, ampliaram-se os logradouros e do advento da estrada de ferro surgem mais duas ruas importantes, com nomeações que são utilizadas até o tempo atual: a *Rua da Linha* e a *Rua da Estação*. O fato é que o léxico da toponímia urbana nesta cidade era formado pelas motivações semânticas relacionadas ao desenvolvimento da sua história. São nomes que possuem motivações físicas e antropoculturais e que pertenciam ao repertório linguístico do denominador; signos que foram muito bem aceitos pelo grupo social porque partiram de dentro para fora, sem interferências externas às nomeações. (DICK, 2007).

Após cento e trinta e um anos de emancipação política, a cidade passou por muitos processos de evolução econômica, social e política. Conhecida no território baiano, a cidade acolheu e acolhe os filhos da terra e aqueles que nela procuram abrigo. A ampliação do comércio fortaleceu a base econômica da cidade e proporcionou também o fortalecimento das bases (saúde, educação, moradia) que juntamente com a economia impulsionam o crescimento da sociedade. O mapa da formação inicial do arraial cedeu espaço ao mapa que foi modificado pela ação do homem, construído pelas diferenças sociais e políticas, pelas forças ideológicas que uniram um povo. É como expressa Mario Quintana, examinar o mapa da cidade de Santo Antônio de Jesus é examinar a *Anatomia de um corpo*; um corpo que se confunde com o próprio povo santantoniense.

## **5 Rua da Linha Ou Rua Vereador João Silva? Exemplos de Variações Toponímicas em Santo Antônio de Jesus**

Há, no âmbito das denominações dos logradouros de Santo Antônio de Jesus, uma coexistência entre alguns topônimos oficiais, instituídos pelo poder jurídico-administrativo, e suas variações — denominações que ocorreram sem interferência do poder público, no início do processo de urbanização da cidade, as quais, mesmo com o decorrer dos anos, não foram esquecidas, e continuam a se perpetuar pelas gerações através do uso.

Abaixo, apresentam-se algumas dessas variações toponímicas, bem como sua classificação taxonômica, de acordo a classificação proposta por Dick (1990). Em seguida, buscou-se contextualizar suas possíveis motivações, a partir de dados colhidos em acervo bibliográfico e entrevistas com moradores dos locais citados, os quais se encontram na faixa etária de 50 a 70 anos de idade.

## BAIRRO CENTRO

**Topônimo oficial:** Rua Rui Barbosa

**Denominação toponímica inicial:** Rua de Cima

**Motivação semântica:** O topônimo oficial é de natureza antropocultural, pois está relacionado a aspectos sociais e históricos, classifica-se como um historiotopônimo, uma vez que se relaciona aos movimentos de cunho histórico-social. Sua *variação* é de natureza taxonômica física; trata-se de um dimensiotopônimo (topônimo relativo às dimensões geográficas das formas físicas).

**Contextualização:** Essa foi uma das primeiras ruas que surgiram na cidade, sua nomeação está relacionada à posição que a rua ocupa em relação à praça central, local onde ficava o adro da Capela do Padre Matheus, isto é, a rua possui uma inclinação e a praça fica em uma posição acima dessa rua.

**Topônimo:** Quatro Esquinas

**Motivação semântica:** Essa nomeação possui uma motivação semântica antropocultural, relacionada a aspectos sociais e históricos. Classifica-se como numerotopônimo (topônimos relativos aos numerais adjetivos).

**Contextualização:** Esse é um dos locais mais conhecidos da cidade. Há uma explicação bastante interessante para esse topônimo, o qual não possui uma denominação oficial, pois se trata, na realidade, de um ponto neutro onde se encontram três ruas: Rua Gorgônio José de Araújo, Rua Rui Barbosa e Rua Landulfo Alves. O que acontece é que a Rua Gorgônio José de Araújo é cortada ao meio nesse ponto e o segundo trecho dessa rua era conhecido por

todos como Rua Tertuliano Santana, em homenagem a uma figura ilustre da cidade que ali morava. Daí, a nomeação Quatro Esquinas, pois se considerava que realmente existiam quatro ruas que convergiam todas para aquele ponto.



Antiga Rua de Cima, atual Rua Rui Barbosa  
(FONTE: Arquivo pessoal de Silvislayne Mercês)

**Topônimo oficial:** Rua do Expedicionário

**Denominação toponímica inicial:** Rua do Pau Preto

**Motivação semântica:** Topônimo oficial é de motivação antropocultural, classificando-se como um historiotopônimo, enquanto que sua *variação* é de natureza taxonômica física, pois é um fitotopônimo, isto é, topônimo de índole vegetal.

**Contextualização:** Neste local havia muitas árvores, as quais foram queimadas para abrir um novo caminho que ligasse o bairro do São Benedito à praça principal. Terminado o episódio, apenas uma árvore resistiu ao fogo, mas o seu caule ficou queimado e preto. Daí a denominação Rua do Pau Preto.

**Topônimo oficial:** Rua Antônio Fraga

**Denominação toponímica inicial:** Rua Maria Nunes

**Motivação semântica:** Ambos os topônimos possuem motivação antropocultural, pois são antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Vale ressaltar que o topônimo oficial é o nome de um ex-prefeito da cidade.

**Contextualização:** Segundo contam os moradores, Maria Nunes era uma mulher muito bonita, cobiçada por muitos homens. Entre esses estava um dos grandes fazendeiros da cidade, o qual tendo sido rejeitado por Maria Nunes, enraivecido, atirou no rosto da moça um

tipo de ácido. Fugindo ao ataque, ela correu para dentro da mata, onde cavou a terra à procura de água para refrescar-lhe o rosto; em sua agonia, acabou por encontrar uma nascente e terminou seus dias naquele local, escondendo-se das pessoas. Ninguém sabe ao certo se a história é verdadeira ou é apenas uma lenda, mas a rua recebeu esse nome em sua homenagem e no lugar da nascente foi construída uma fonte que também recebeu seu nome. Segundo a população, quem bebe dessa água fica para sempre morando nessa cidade ou caso venha a sair, um dia retornará.

**Topônimo oficial:** Rua Justiniano Rocha Galvão

**Denominação toponímica inicial:** Rua da Cancela.

**Motivação semântica:** A denominação oficial e sua variação possuem motivação antropocultural. A primeira é um antropotopônimo (nome de um ex-prefeito da cidade) e a *variação* é um ergotopônimo (relativo a elementos da cultura material).

**Contextualização:** O nome Rua da Cancela encontra-se no fato dessa rua possuir no local, ainda não totalmente urbanizado, uma cancela que separava o caminho da *roça* do caminho que levava a cidade.

**Topônimo oficial:** Rua Idelfonso Guedes

**Denominação toponímica inicial:** Rua do Gás

**Motivação semântica:** O topônimo oficial é de natureza antropocultural, trata-se de um antropotopônimo (nome do primeiro prefeito eleito da cidade). Sua *variação* também é de natureza Antropocultural. Apesar de possuir o nome de um mineral (fato que o classificaria como litotopônimo), as atividades profissionais, realizadas nessa rua, permitem classificá-lo como um sociotopônimo.

**Contextualização:** O logradouro recebeu o nome de Rua do Gás porque, na época, havia nesse local uma grande comercialização de gás, utilizado para acender os candeeiros. Segundo os moradores da rua, ainda haveria outra explicação: nesse local existiam diversas casas que funcionavam como prostíbulos, daí a motivação para o nome “gás”. Se essa motivação fosse seguida, ter-se-ia um animotopônimo (referente à vida psíquica e espiritual não pertencente à cultura física).

## BAIRRO SÃO BENEDITO

**Topônimo oficial:** Rua Dr. Antônio José de Almeida

**Denominação toponímica inicial:** Rua da Corrida

**Motivação semântica:** Ambos os topônimos são de natureza antropocultural. O oficial é um antropotopônimo e sua *variação* é um sociotopônimo: topônimo relativo às atividades profissionais e pontos de encontro da comunidade.

**Contextualização:** Nesse local havia uma grande fazenda do Dr. Antônio José de Almeida, o qual nos fins de semana promovia corridas de cavalo e de jegue. Foi desse evento que surgiu a denominação para esse logradouro.

BAIRRO ANDAIÁ:

**Topônimo inicial:** Rua Vereador João Silva

**Denominação toponímica inicial:** Rua da Linha

**Motivação semântica:** As motivações semânticas das duas designações são antropoculturais. A primeira denominação é um antropotopônimo, uma vez que João Silva foi uma das figuras políticas da cidade. A segunda denominação é um ergotopônimo, pois se trata de um topônimo relativo a um elemento da cultura material.

**Contextualização:** O topônimo Rua da Linha surgiu no período da instalação da estrada de ferro. Nesse local, havia uma linha do trem e mesmo depois da sua desativação e retirada dos trilhos esse nome permanece, lembrando esse período histórico vivido pela sociedade santantoniense.

**Topônimo oficial:** Rua 31 de Março

**Denominação toponímica inicial:** Beco do Boi

**Motivação semântica:** O primeiro topônimo possui natureza semântica antropoculturais e o segundo é de natureza taxonômica física, pois é um zootônimo, isto é, de índole animal.

**Contextualização:** Esse logradouro é uma via estreita por onde passavam, constantemente, boiadas, as quais iam em direção às grandes fazendas localizadas ao sul da cidade.

Percebe-se, através dessa pequena análise, que as primeiras nomeações das ruas ocorreram tomando-se como parâmetro a praça principal da cidade. Logo em seguida, as demais ruas que foram surgindo, de acordo às necessidades de ligar caminhos da zona rural ao centro da cidade, recebiam nomes relacionados aos aspectos físicos e aos eventos

socioculturais da época. Sendo assim, esses topônimos carregam a história do desenvolvimento da cidade de Santo Antônio de Jesus, permanecendo através do discurso dos moradores. São topônimos que foram aceitos e acolhidos pela sociedade e conseguiram romper a barreira do tempo e do espaço.

## **6 Topônimos Oficiais das Ruas Santantonienses: Classificação e Análise**

A análise dos topônimos oficiais limitou-se à verificação dos bairros mais antigos da cidade, a fim de remontar o processo de urbanização da mesma, por isso foram excluídos os topônimos das travessas, das ruas dos loteamentos e condomínios que foram surgindo, focando apenas nas ruas principais e mais antigas. O estudo foi feito em uma perspectiva sincrônica, com enfoque nos topônimos dos bairros Centro, São Benedito, Nossa Senhora das Graças e Andaiá. Usou-se como fonte mapa, escala 1:8000, encontrado nos arquivos públicos da Secretaria Municipal de Obras desta cidade, e mapas dos arquivos disponíveis *online* do IBGE, escala 1: 1000, além do código de endereçamento postal dos Correios.

Os topônimos foram classificados de acordo com o quadro taxonômico proposto por Dick (1990) <sup>6</sup>. Após a verificação, foi possível perceber que entre as lexias toponímicas analisadas apenas 8% corresponde à motivação semântica física, enquanto que 92% estão direcionadas à motivação antropocultural.

Entre os sessenta e quatro topônimos analisados, apenas cinco são de natureza física: Rua do Calabá (árvore frondosa, provavelmente existente na época do início da urbanização); Rua do Gravatá (uma planta comum na região); Rua do Sururu (um dos rios que auxiliaram os colonizadores a explorar a região) e a Praça Pirajá e a Rua Primavera, ambos correspondentes a fenômenos da natureza. As demais lexias encontradas são todas voltadas para fatos culturais, sociais, religiosos e políticos.

---

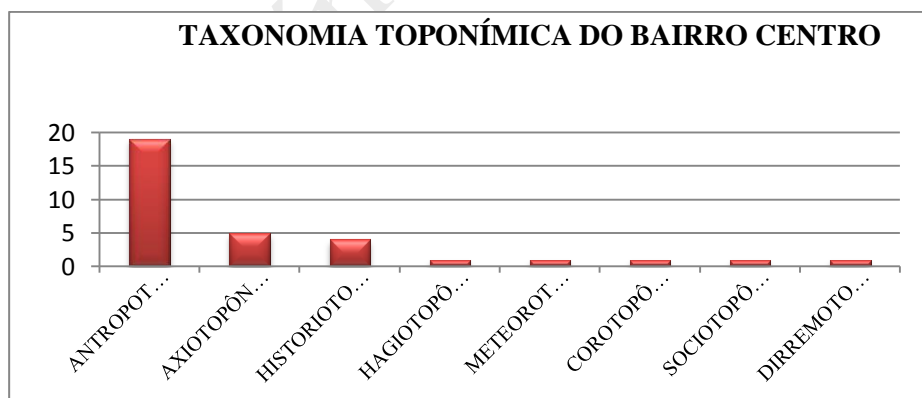
<sup>6</sup> Para um maior esclarecimento a respeito das taxes, leia-se “A motivação toponímica e a realidade brasileira” (DICK, 1990). Cf. referências.





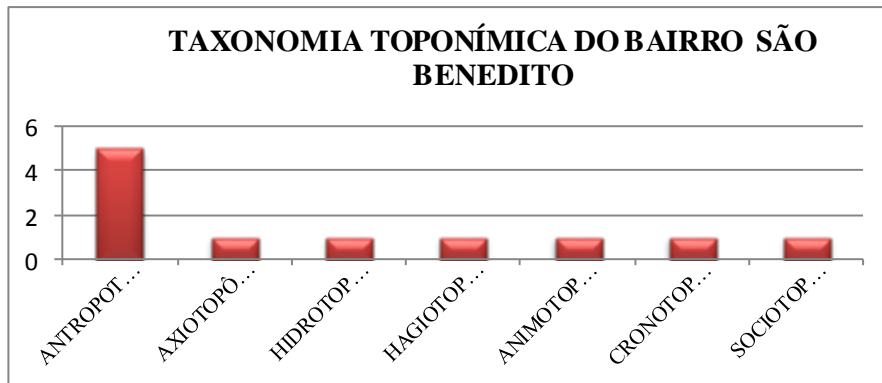
O bairro Centro, o mais antigo da cidade, formado a partir do Oratório construído pelo Padre Matheus Vieira de Azevedo, expandiu-se com o desenvolvimento do comércio e das novas moradas que iam surgindo próximas a essa atividade econômica. Verifica-se, através da taxonomia, que o maior índice dos topônimos nesse bairro é de antropotopônimos, os quais dizem respeito a nomes conhecidos pela sociedade santantoniense.

São nomes de figuras políticas como prefeitos, vereadores ou pessoas que se sobressaíram na sociedade, logicamente pessoas que ocupavam uma posição social privilegiada. A segunda pontuação é para os axiotopônimos, os quais são também formados por nomes de pessoas, mas com um título anterior a este; sendo que dos cinco encontrados, quatro são de figuras religiosas e apenas um de uma figura política. Os historiotopônimos correspondem a personagens ou fatos históricos da sociedade brasileira e os demais topônimos de taxonomias diferentes correspondem a uma mesma escala de denominação.

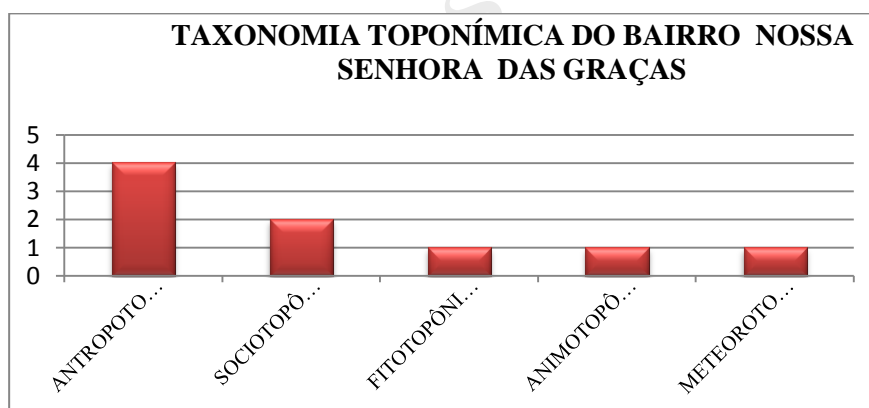


No bairro São Benedito, o segundo bairro formado na cidade, formado a partir da construção da Capela do São Benedito, também se verificou uma maior frequência de

denominação para os antropotopônimos, ficando os demais topônimos divididos entre o mesmo índice, mas com taxonomias diferentes.

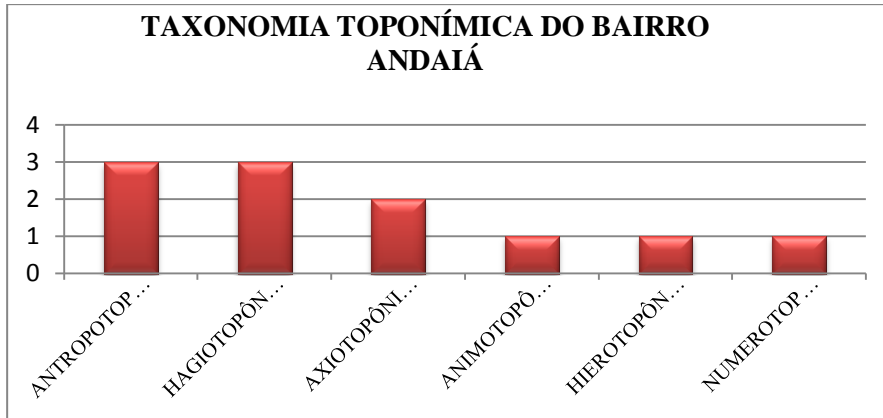


No bairro Nossa Senhora Das Graças também ocorreu à predominância de antropotopônimos. Vale lembrar que esse bairro foi formado a partir da Estrada Real que dava acesso à Comarca de Nazaré, utilizando a longa estrada chamada Calabá, a qual permanece até os dias atuais, agora como uma rua, mas com a mesma denominação. Esse é um bairro mais popular, com uma igreja de menor porte, em homenagem a Nossa Senhora das Graças, e com conjuntos habitacionais que vão sendo construídos para ceder espaço de morada para uma população menos privilegiada economicamente.

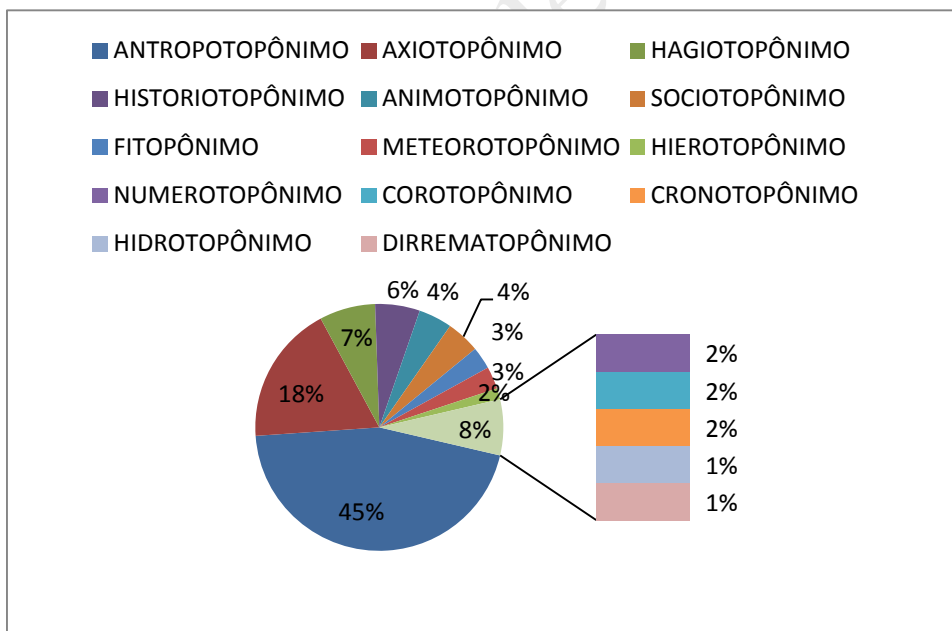


O bairro Andaiá, distante do Centro, assim como os outros três bairros, possui uma Igreja em homenagem a São José. É um bairro basicamente voltado para moradia, nele pode-se observar uma predominância de condomínios e a formação de loteamentos, mas também a presença de casas mais simples, principalmente próximo ao Largo São José e no decorrer da Rua Vereador João Silva, a famosa Rua da Linha. Nesse bairro, a predominância das

denominações toponímicas se divide entre antropotopônimos e hagiotopônimos, ficando os axiotopônimos em terceiro lugar e as demais taxonomias compartilhando o mesmo número para a frequência das denominações.



Dessa forma, têm-se os seguintes percentuais para a utilização de cada taxonomia nas denominações dos topônimos dos quatro bairros, totalizando cem por cento das lexias analisadas:



Distribuição do percentual das motivações toponímicas encontradas nos bairros analisados em Santo Antônio de Jesus

## 8 Considerações Finais

O núcleo urbano da cidade de Santo Antônio de Jesus foi formado a partir de dois eixos sociais importantes: a religião e a economia, esta voltada para o comércio, o qual foi, com o desenvolvimento da cidade, ocupando o lugar da principal e a mais estruturada atividade econômica do município. Desses dois eixos surgiram figuras que se destacaram e se consagraram na sociedade santantoniense. Pessoas que assumiram liderança política e religiosa na cidade, porém, também existiram indivíduos que não possuíam um destaque social, mas que colaboraram para alicerçar essa sociedade. A cidade foi, portanto, erguida por um esforço conjunto de todos: ricos, pobres, brancos, índios, negros.

E na ampliação das formas urbanas, surgia a necessidade de nomear cada caminho que cedia espaço para as moradias. A tendência mais frequente é que se busquem elementos de natureza física (geográfica) ou sociohistórica para as motivações das denominações de lugares. E em se tratando de ruas, há uma maior ocorrência em se buscar motivação em fatos de natureza sociohistórica, pois há um afastamento da flora e da fauna e uma maior aproximação de elementos e fatos que correspondem ao modo de vida das pessoas no núcleo urbano.

Então, pode-se dizer que os fatos econômicos, sociais e políticos influenciam na escolha das denominações dos nomes das ruas, avenidas, praças, vilas e bairros de uma cidade. Foi possível comprovar esse fato através da pesquisa, quando se constatou que 92% dos topônimos analisados correspondem a nomeações de natureza antropocultural, enquanto que apenas 8% dos topônimos referem-se à natureza física.

Em se tratando das variações toponímicas analisadas, Dick (2007) ressalta algo importante. Para a autora um nome

Deixou/deixará de ser contextualizado ou introjetado pela comunidade porque seguiu o caminho inverso, advindo de fora para dentro do meio. Todavia, essa prática, hoje, nas regiões mais urbanizadas, tem sido corriqueira [...]. Configuram o que chamei, em outra ocasião, de *designação superposta*, desligada do convívio comunitário e de suas íntimas aspirações em relação ao batismo dos lugares, especialmente [...] a tendência adequada, no processo denominativo, reforçando esse raciocínio, seria partir do conhecido, do vivenciado e, apenas na ausência do objeto e de suas circunstâncias, buscar o distante, o alheio, o que nasceu 'fora dos muros'. (DICK, 2007, p. 142)

Percebe-se que, assim como as demais lexias que fazem parte do repertório linguístico de uma comunidade, os topônimos não podem ser impostos à sociedade, desligados do modo de vida de um povo. A *designação superposta* a que Dick se refere, está relacionada àqueles

topônimos que são utilizados e bem aceitos pela sociedade e, repentinamente, são substituídos por outros sem a consulta prévia aos moradores, sendo que este deveria ser o procedimento padrão para a mudança do nome de um local. Haveria, pois, uma mudança democrática e não *imposta e superposta*.

As variações dos topônimos oficiais, em Santo Antônio de Jesus, são exemplos dessa superposição, pois mesmo não sendo considerados como topônimos oficiais, já que foram substituídos pelo poder público, eles continuam sendo amplamente utilizados pela população. Em relação a esse fato, verificou-se que, conforme a cidade alcançava um crescimento populacional e um desenvolvimento econômico, os topônimos iniciais foram sendo substituídos por nomes de personalidades políticas e religiosas locais ou nacionais, nomes de santos ou eventos históricos nacionais, talvez na tentativa de enaltecer a toponímia da cidade.

Comprovou-se essa preferência ao analisar que o maior percentual de motivação para os topônimos nesta cidade é para os antropotopônimos, os quais correspondem a 45% dos topônimos analisados. Seguindo a esses se vê os axiotopônimos, com 18%, tal classificação também corresponde a nomes de personalidades políticas e religiosas locais, com um título correspondente ao cargo que ocupavam. Em terceiro lugar ficou a ocorrência dos hagiotopônimos, com 7% de motivação para os topônimos urbanos verificados.

Duas formas de poder que prevalecem na cidade: poder político e poder religioso. A respeito dessas formas de dominação ideológica, Ruy Ventura ressalta que

Desde meados do século XIX que a toponímia revestiu no nosso país o papel de instrumento privilegiado de difusão política e de reprodução social, servindo ao mesmo tempo como veículo de afirmação do poder. Paralelamente, constituiu uma maneira legítima de homenagear quantos pugnaram pela comunidade e / ou dignificaram a identidade local ou nacional. De um lado o caciquismo, o imobilismo e a estratificação sociais, a propaganda a regimes e a políticas. Do outro os valores universais da solidariedade, da doação e da dignificação do Homem, ao lado do interesse colectivo e dos laços de agregação identitária. (VENTURA, [200-])

O fato é que os topônimos santantonienses, em sua maioria no bairro Centro, são hoje utilizados para homenagear figuras ilustres que fizeram parte da história da cidade. Entretanto, a oficialização desses topônimos deu-se de uma forma não democrática, dando a impressão de que essas figuras foram os únicos responsáveis pelo crescimento dessa

comunidade. Privilegiou-se a figura desses “heróis” em detrimento a valores que correspondem ao modo de vida em sociedade. Carlos (1994) salienta que

Na esteira das formas, coisifica-se o homem e suas relações; suas obras e produtos lhe são subtraídos. Cria-se a idéia do herói. A história se constrói através de personagens heróicos, onde se obscurece as marcas da coletividade. [...] Obscurece-se, elimina-se o cotidiano e sua construção, tanto em sua dimensão de repetição da necessidade e do desejo do consciente e do inconsciente, quanto daquela que põe de manifesto contradições e desigualdades, satisfações e insatisfações. Ignora-se a energia criadora das obras. E aí a história se torna espetáculo e a cidade o palco de grandes acontecimentos. (CARLOS, 1994, p. 13)

A cidade poderá ser como um palco de grandes acontecimentos, todavia acontecimentos em que o coletivo possa também ser destacado e não apenas figuras individuais, que venham a ser vistas como grandes construtores da cidade, porque a cidade é de todos; as ruas pertencem a todos e os topônimos não podem ser utilizados como ferramenta de elitização, pois dessa maneira perde-se o seu valor documental, descritivo e referencial.

### Referências Bibliográficas

BASÍLIO, Margarida. Polissemia sistemática em substantivos deverbais. In: **Ilha do Desterro**, nº 47, p. 49-71. Florianópolis, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/viewFile/7347/6769>>. Acesso em: 06 dez. 2009.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. 277p.

\_\_\_\_\_. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 356p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994. 98p.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus; ANTUNES, Alessandra Martins. Princípios teóricos de toponímia e antroponímia: a questão do nome próprio. In: **Cadernos do CNLF**, v. XI, n.02, 2007. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/xicnlf/>>. Acesso em: 13 set. 2009.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística**. Rio de Janeiro: Presença, São Paulo: EDUSP, 1979, 238p.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado de SP, 1990. 387p.

\_\_\_\_\_. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo 1554-1897**. São Paulo: ANNABLUME, 1996. 393p.

\_\_\_\_\_. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 79-90.

\_\_\_\_\_. Aspectos de etnolinguística- a toponímia carioca e paulistana- contrastes e confrontos. In: **Revista da USP**, São Paulo, n.56, p. 180-191, 2003. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/56/21-vicentina.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2009.

\_\_\_\_\_. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. In: **Revista Trama**, v. 3, n.5, I semestre de 2007. Disponível em: <<http://www.unioeste/saber>>. Acesso em: 29 set. 2009.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973. 653 p.

GUIRAUD, Pierre. **A Semântica**. Tradução de Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: DIFEL, 1972. 133p.

IBGE. Banco de dados. Cidades. Disponível em:

<<http://www.ibge.com.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 15 set. 2009.

QUEIROZ, Fernando Pinto. **A capela do padre Mateus**. Feira de Santana: SAGRA, 1995. 405p.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: \_\_\_\_\_. **Linguística como ciência: ensaios**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969. p. 43-62.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1969. 279p.

VALADÃO, Hélio. **Santo Antônio de Jesus, sua gente e suas origens e biografia de Rômulo Almeida**. Santo Antônio de Jesus: [s.n.], 2005, 137p.

VENTURA, Ruy. **Por uma toponímia realmente democrática**. Disponível em: <<http://www.arquivos.com/ruyvent2.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2009.